

PAINEL

DESENHO DE OBSERVAÇÃO: PERCEPÇÃO DO ESPAÇO: OLHARES SOBRE O BAIRRO CIROLÂNDIA

José Jaildo da Silva Oliveira

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais

Prof. Doutor Fábio José Rodrigues da Costa

Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau

Universidade Regional do Cariri - URCA

O presente trabalho traz um recorte da experiência vivida na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais do Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri – URCA. O estágio foi desenvolvido na Sociedade de Educação e Saúde à Família – SESFA, localizada no bairro Cirolândia, na cidade de Barbalha-CE. Entendendo que este espaço também se constitui num lugar de ensino e aprendizagem da arte, propomos a realização da Oficina de Desenho de Observação intitulada “Percepção do Espaço: olhares sobre o bairro Cirolândia”. Teve como público alvo as crianças assistidas pela SESFA com o propósito de experimentar a criação de narrativas visuais por meio do desenho de observação. A Oficina consistiu de processos de pesquisa de campo para conhecer o bairro, com o objetivo de mapeá-lo até chegar aos exercícios de desenhos de observação. Saímos às ruas e desenhamos casas, estabelecimentos comerciais, prédios públicos, etc. A culminância da Oficina se deu por meio da ressignificação do mapa real do bairro através da confecção de um novo mapa com base nos processos vivenciados.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho de Observação; ONG; Estágio Supervisionado.

1. Introdução

Continuamos mais uma fase do Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I do curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais, desta vez com foco no ensino de artes nas Organizações não Governamentais – ONGs.

A instituição escolhida para a realização do estágio foi a Sociedade de Educação e Saúde à Família – SESFA, localizada no bairro Cirolândia, em Barbalha – Ceará. A SESFA foi fundada em 1985 e surgiu pela necessidade apresentada pelas comunidades em virtude dos inúmeros problemas sociais existentes. Caracteriza-se pela natureza filantrópica e assistência social. De acordo com a sua missão a entidade assiste a crianças, adolescentes e jovens de ambos os sexos na faixa etária de 0 a 24 anos, através de ações sociais, educativas e culturais, que visam o desenvolvimento integral, resgatando a cidadania e buscando melhor qualidade de vida. Atualmente a SESFA atende as famílias de baixa renda nos bairros Cirolândia, Bela Vista, Santo André, Rosário e Alto da Alegria através de projetos sociais. Oferece atividades de teatro, música, informática, “arte e educação”, brinquedoteca, artesanato para gestantes e reforço escolar nos turnos da manhã e tarde.

A escolha pela entidade SESFA como lugar para se desenvolver o estágio justifica-se por ser um ambiente favorável ao aluno estagiário, onde o mesmo poderá exercitar o seu conhecimento e por em prática suas habilidades. Segundo Oliveira (2006, p. 61), “O estágio é um espaço privilegiado de questionamento e investigação. É preciso encará-lo como uma atividade investigativa, atitude esta que envolva reflexão, assumi-lo como uma intervenção no espaço de atuação”.

2. Aproximação com o ambiente de estágio

Aproximei-me da instituição por meio de seis horas de observação buscando compreender sua estrutura, dinâmica e funcionamento. Constatamos que não há profissionais formados trabalhando nos cursos mencionados em suas respectivas áreas e sim, em conhecimentos que não condizem com o que ensinam. De acordo com as pesquisas desenvolvidas em ONGs por Carvalho,

pode-se deduzir que: as ONGs, por serem organizações não formais, são autônomas para definir e estabelecer os critérios de suas políticas internas para formação de seus recursos humanos; existe flexibilidade para a contratação de educadores e para a definição do regime de trabalho; e, ainda, determinadas habilidades e aptidões são consideradas mais importantes do que a titulação acadêmica.(2008, p. 108)

As observações se voltaram principalmente para o território das artes visuais, denominada pela entidade como “arte e educação”. No entanto, o conteúdo ensinado aos alunos ainda se restringe apenas as datas comemorativas ao longo do ano e reproduzir as imagens estereotipadas. Podemos sim trabalhar esses conteúdos em nossas aulas, mas me pergunto: qual seria a melhor maneira de explorá-los? O que mais me amedronta durante a prática do estágio é como planejar e executar a condução das aulas.

O número de alunos que frequenta as atividades artísticas é bastante reduzido. A professora responsável por estas atividades afirmou que havia cerca de dezoito alunos matriculados. No entanto, todas as vezes que me dirigi até lá para realizar as observações nestas aulas não havia mais do que cinco alunos.

Nesta mesma sala são desenvolvidas as atividades de reforço escolar e arte e educação, sendo a primeira apenas nas segundas-feiras e a última nos dias de terças e quintas-feiras. Nos primeiros dias que frequentei as atividades de artes eram em uma sala menor. Dias depois foram transferidas para uma sala mais ampla. A SESFA não conta com muitos materiais adequados para fazer as ações envolvendo artes a não ser os mais comuns como: lápis grafite, lápis de cor, tinta guache, etc.

Nas ocasiões em que estive observando a instituição, em uma delas, fui informado de que naquele dia não iria haver o funcionamento normal, porque estava agendado um planejamento pedagógico com todos os professores. Fui então convidado a participar da reunião. Não pensei duas vezes e aceitei. Essa seria mais uma oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a entidade. Ao fim do encontro fiz uma breve apresentação do projeto a ser desenvolvido por mim juntamente com os alunos e com o apoio dos profissionais da SESFA por meio de uma Oficina de Desenho de Observação.

Por mais uma vez fui fazer as observações e me deparei com mais um dia sem atividades normais. O motivo foi uma reunião com o conselho e funcionários sobre a situação financeira. Desta vez não participei da reunião, não me convidaram. Essas instituições parecem estranhas e me causam medo. Por ora parecem acolhedoras e ao mesmo tempo se tornam tão distantes, como se não aprovassem a minha presença ali e tudo se tornava muito complicado para se conseguir algo. Talvez nem compreendessem a minha função ou o que de fato iria fazer lá. Também pergunto a mim mesmo: e eu, comproendo e aceito também a importância dessa etapa para a minha formação? Até que ponto me permito vivenciar intensamente esse momento tão rico? Às vezes pareço me afastar mentalmente do que estou vivendo e me pego sem rumo, sem saber como conduzir os processos. Lampert afirma que

É no estágio que nos damos conta de que as coisas nem sempre são o que parecem ser, questionamos nossa própria formação, testamos literalmente nosso conhecimento, deparamo-nos com situações que não conseguimos controlar e cometemos erros. Se pensarmos em nossos erros, certamente refletiremos sobre nossas ações e descobriremos que os erros também consistem em

acertos. O erro é necessário para romper os limites e para que se pense num ofício construído de saberes.(2006, p. 153)

Percebi que a dinâmica desse lugar não se difere muito do funcionamento da escola tradicional: os mesmos vícios, os mesmos comportamentos, as mesmas atitudes, as mesmas regras. O que deveria ser um ambiente agradável onde os sujeitos pudessem desfrutar de ações sociais, educativas e culturais buscando melhor qualidade de vida, como diz a missão da entidade, tornou-se a mesma instituição escolar que reprime, grita e intimida o público atendido por ela.

A SESFA poderia e deveria sim, ser o lugar onde as crianças, os adolescentes e os jovens pudessem se refugiar e encontrar o seu desenvolvimento integral e resgatar a cidadania como seres humanos. Mas infelizmente é apenas mais uma instituição que só se preocupa em mostrar resultados em suas “culminâncias” mensais sem se importar verdadeiramente com os valores dos indivíduos que dela faz parte. Carvalho, em seus estudos sobre ONGs revela que

Quando as agencias financiadoras investem em uma ONG, geralmente, preferem empregar seus recursos naquelas atividades que, em um tempo relativamente curto, possam resultar em apresentações públicas. Assim, as atividades realizadas coletivamente, como as bandas, a dança, o teatro, têm mais chances de receber apoio financeiro. São atividades que, ao cabo de poucos meses, podem dar origem a um produto que poderá ser levado a público, apreciado e divulgado.(CARVALHO, 2008, p. 122)

Não estou aqui dizendo que a SESFA não faz nada. Pelo contrário, faz e muito. Entretanto, o que realiza talvez não seja o suficiente para provocar as mudanças necessárias e significativas na vida das pessoas da comunidade do bairro Cirolândia. Só o fato de sua existência já é uma grande vantagem e um privilégio para os moradores do bairro. O que provavelmente impeça o desenvolvimento de ações educativas, sociais e culturais deva ser o seu corpo de funcionários, mais precisamente os seus educadores que não estejam bem preparados e não são formados em suas respectivas áreas de atuação.

3. Preparação para a Oficina de Desenho de Observação

Após a investigação que me revelou um pouco do dia-a-dia da SESFA, passei a divulgar a Oficina de Desenho de Observação intitulada “Percepção do espaço: olhares sobre o bairro Cirolândia”. A minha intenção era expandir a Oficina para todos os interessados em desenho não importando de qual fosse a turma: de música, teatro, arte e educação etc. Divulguei em algumas salas e em outras não foi possível devido a falta de professores nos dias da divulgação ou mesmo pelos imprevistos ocorridos como as reuniões e até mesmo por falta de organização da minha parte.

Só despertaram interesses em participar da Oficina alguns alunos da turma do reforço escolar e da turma de arte e educação. A professora de arte e educação queria obrigar os seus alunos a participar e se ver livre deles, passando assim toda a responsabilidade pra mim. Porém, eu havia determinado que os participantes deveriam ter acima de dez anos de idade e se interessassem por desenho porém, nem todos da turma manifestaram interesse.

Fiz as inscrições e consegui o nome de quinze pessoas, mas só apareceram doze no primeiro encontro. Planejei a oficina para acontecer todas as tardes das 13h as 16:30 horas, mas não foi bem o que ocorreu. Por vezes iniciávamos as 13:30 ou 14 h devido as minhas aulas pelas manhã, no curso de Artes Visuais que se estendiam até o inicio da tarde. Também era complicado ir até o final da aula pelo fato de que os meninos foram acostumados a sair as 15h40 para brincar.

Acredito que não foi uma boa escolha realizar a Oficina durante três horas e meia, esse tempo era muito prolongado e exaustivo e ainda mais no turno da tarde, considerando o horário quente e que as atividades requereriam estar na rua.

O primeiro encontro se deu dentro da sala destinada a arte e educação (*Fig. 1*). Iniciamos com a apresentação individual de cada um e em seguida fizemos o primeiro exercício.



Figura 1 – Sala de Artes

Pedi que eles fizessem um desenho de memória da fachada da casa onde moram tentando representar todos os elementos em volta da mesma. Apenas dois afirmaram não saber desenhar, mas insisti e eles acabaram concluindo a tarefa. Sugerí que eles também colorissem os seus desenhos, nem todos aceitaram. A professora Ana Mae acredita fielmente na educação por meio da arte e ressalta a importância da arte na nossa vida.

Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade de arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à manifestação da realidade. (BARBOSA, 2009, p. 5-6)

Dando continuidade fiz uma explanação no sentido de que cada um deles pertence a uma família, a uma casa, a uma rua, a um bairro, a uma cidade etc., e mostrei a localização do lugar onde habitam, situando-os no mundo através de um vídeo feito do programa Google Earth. Infelizmente, pela minha falta de planejamento o vídeo foi exibido na própria tela da câmera fotográfica. O ideal seria a exibição com uma projeção usando o data show de forma que todos visualizassem bem, ou mesmo ter conduzido os meninos até o laboratório de informática e juntamente com eles buscasse essa visão aérea do bairro Cirolândia.

Deveria também ter explorado mais o exercício do desenho de memória das fachadas das casas. Pena que eu não tenha me atentado cedo para a importância do diálogo constante com o professor Fábio Rodrigues, orientador da disciplina do estágio. Só agora percebo o quanto isso prejudicou o andamento da experiência com a Oficina de Desenho de Observação. Não me atentei para esse detalhe, simplesmente me dediquei a fazer o estágio e acabei esquecendo da condução do processo primando pela qualidade.

A turma era bem agitada, queria concluir os exercícios logo, insistia para que os liberasse para brincar de bola. A professora de arte e educação acompanhou boa parte da aula e gritava bastante para que os meninos se comportassem, eles não podiam sair para tomar

água ou ir ao banheiro a não ser na hora do intervalo. Procurei agir diferente, de forma que todos se sentissem a vontade e fosse prazerosa a participação na Oficina.

Nos dias que se seguiram o número de participantes diminuiu consideravelmente, oscilando entre um e seis alunos por dia participando das aulas. Alguns motivos talvez tenha sido a não permissão dos pais, já que os meninos não tinham atividades diariamente na SESFA, a falta de interesse e de disposição em percorrer as ruas ou quem sabe a minha metodologia de ensinar não tenha sido satisfatória.

Mesmo assim, prosseguimos realizando o mapeamento através de um recorte do bairro Cirolândia delimitando a área em volta da SESFA. Saímos às ruas observando seus elementos e sugeri que os meninos fossem cada um fotografando com minha câmera digital e desenhando os elementos que mais chamavam a atenção deles, assim também as fachadas das casas. Todos ficaram empolgados e queriam manusear a câmera. Aquilo era novidade para eles, já que se tratava de crianças pertencentes a um contexto de risco e vulnerabilidade, sem boas condições financeiras. Durante as atividades eu sempre procurava conhecer um pouco da vida deles. Adoravam contar suas experiências e revelavam muito do seu cotidiano.

Os participantes tinham idade entre nove e onze anos, a maioria eram meninos (*Fig. 2*). Nem todos que participaram vivenciaram todos os processos até o final. Alguns saiam, outros entravam e assim por diante. Tive que aceitar menores de dez anos, mesmo a Oficina já em andamento, para que pudesse garantir a continuidade do estágio.

Os meninos por várias vezes procuravam provocar uma das meninas que era um pouco agitada. Ela também provocava e reagia aos xingamentos dos meninos e isso quase sempre terminava em brigas de bate boca e até agressão física. Era muito chata essa situação, pois todos acabavam se dispersando das tarefas e me deixava desestimulado. Ao mesmo tempo, era bastante prazeroso quando eles se envolviam com os exercícios, faziam descobertas e eu percebia que eles realmente estavam aprendendo algo.



Fig. 2– Atividades na rua

Exercitamos os desenhos de observação partindo da arquitetura das casas, passando por estabelecimentos comerciais, igrejas, escolas, etc. À medida que fazíamos isso, construímos o mapa do recorte do bairro pontuando a localização exata dos lugares que desenhávamos como também situávamos os nomes das ruas. Esse mapa feito inicialmente em folha de papel tamanho A4 foi ampliado numa cartolina.

O tempo todo chamava a atenção deles para se orientarem através dos pontos cardinais, tomando como referência o Sol. Exploramos bastante linhas verticais, horizontais, retas e curvas, exercícios com a percepção da perspectiva e proporção (*Fig. 3*).



Fig. 3- Exercício de Desenho de Observação.

A medida do possível, mostrava na prática o conteúdo. Como exemplo de perspectiva e proporção fiz uma demonstração utilizando a fotografia. Pedi que um dos meninos se posicionasse em frente a um prédio e fosse se aproximando da câmera a cada foto que eu fazia, com isso eles percebessem através da sequência de fotografias que o menino se tornava maior em relação ao prédio ao fundo.

Nos detemos também ao estudo de luz e sombra mostrando os tipos de luz natural e artificial, direção da luz passando isso para o papel por meio do degradé de tons usando o grafite.

Por muitas vezes permiti que os meninos registrassem esses momentos usando o recurso de vídeo da câmera, dando lugar ao olhar deles. Essa era uma das formas de mantê-los envolvidos com a Oficina e os motivassem a continuar frequentando. O que promovi durante esses dias, acredito que não tenha sido satisfatório porque não consegui conduzir as aulas de forma que os meninos estivessem presentes todos os dias. Isso me desestimulava a cada dia que eu via diminuir o número de alunos. Agora o processo enquanto experiência para aprender com os equívocos e avaliação do que deu certo e do que não deu, foi válido.

Alguns dos meninos eram impacientes e já queriam um desenho “perfeito” nos primeiros exercícios. Era difícil convence-los de que deveriam passar por etapas e muito treino para se adquirir qualidade. Insistiam em usar régua para se conseguir um traço reto, mesmo eu incentivando a desenhar a mão livre.

Em uma das ocasiões fizemos uma visita a casa de um dos moradores do bairro Cirolândia com o intuito de conhecermos um pouco mais sobre a sua história. Através das narrativas do senhor Aurino Saraiva, também chamado de Prêu, os meninos puderam ter uma aproximação da origem do nome do bairro, da sua formação, entre outros aspectos.

Visitamos o centro histórico de Barbalha observando a arquitetura dos casarões antigos e também executamos os desenhos de observação desses prédios. A partir daí estabelecemos comparações entre a arquitetura dos casarões antigos com a arquitetura das casas edificadas atualmente. Os meninos adoraram a experiência de ter visitado o centro histórico, uma vez que a vida deles se resume ao contexto do bairro que não há tantos atrativos.

Para finalizar a Oficina propus aos meninos que elaborassem o mapa de um bairro que eles gostariam de morar (*Fig. 4*). Nesse mapa teriam toda liberdade para criar a cartografia e

inserir tudo o que desejasse ter nesse lugar. Esse novo mapa seria uma ressignificação do mapa real do bairro Cirolândia já desenhado anteriormente. Com esse exercício pretendia mostrar a eles as limitações encontradas no lugar onde moram como também reconhecer e valorizar o que já existe.



Fig. 4- Novo mapa

4. Conclusão

Com a conclusão de mais uma etapa do estágio pude notar que é bastante complicado o trabalho dentro das ONGs. O trabalho desenvolvido não há qualidade, pois essas instituições carregam um modo de ensinar muito rígido e tradicional que não se adequa a maneira de se viver no mundo contemporâneo. Valorizam apenas o produto e não os processos dos indivíduos que assiste. As atividades se limitam ao espaço fechado das salas de aula, sem oferecer outros lugares e outras formas alternativas de se ensinar e aprender.

Em pleno século XXI os desafios são muito maiores em se tratando de educação, principalmente no território da arte, que vem se expandindo a diversos tipos de instituição. E com isso, os arte/educadores precisam estar preparados para desempenhar o seu papel. Eu, na condição de futuro arte/educador ainda me sinto inseguro e despreparado para tomar a responsabilidade de educar. Mas sigo acreditando que no decorrer da vida aprenderei com os equívocos e acertos e cada vez mais me tornarei capacitado para exercer essa função.

5. Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARVALHO, Lívia M. **O ensino de artes em ONGs.** São Paulo: Cortez, 2008.
- LAMPERT, Jociele. **Estágio supervisionado: andarilhando no caminho das artes visuais.** In: HERNÁNDEZ, F. OLIVEIRA, M. O. (Org.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** UFSN, 2006.
- OLIVEIRA, Marilda O. **O Estágio curricular como campo de conhecimento.** In: HERNÁNDEZ, F. OLIVEIRA, M. O. (Org.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** UFSN, 2006.